

ACM e Simon trocam acusações

Senadores discutem sobre quem manda de fato no governo

EUGÊNIA LOPES E ILMAR FRANCO

BRASÍLIA — O plenário do Senado foi marcado ontem pelo debate agressivo entre o presidente da Casa, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), e Pedro Simon (PMDB-RS), com apertes de Jader Barbalho (PMDB-PA). ACM fez discurso respondendo declarações do senador gaúcho em entrevista ao *Jô Soares, onze e meia* de terça-feira. No programa, Simon disse que a família Magalhães manda no presidente Fernando Henrique Cardoso e que o Senado aprova tudo que é de interesse do governo sem discutir.

ACM afirmou em 29 minutos de discurso que o senador pemedebista tinha tido uma "atitude antiética, deseducada, deselegante e, algumas vezes, covarde", demonstrando "ciúme doentio" e "complexo de inveja". Simon preferiu ironizar. Se referiu com indisfarçável deboche à cúpula do PFL e em especial ao deputado Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), que definiu como "brilhante, nobre, competente e honrado ex-presidente da Câmara e atual líder do governo".

Covarde — "Todos têm sido testemunhas de quanto tenho sido provocado nesta casa numa atitude antiética, deseducada, deselegante e, algumas vezes, covarde, pelo senador Pedro Simon", disse ACM logo no início do discurso para uma platéia de 76 senadores. "Penso que lá no fundo Vossa Excelência sabe que não tenho nada disso: nem inveja nem ciúme", rebateu Simon.

O momento mais tenso no plenário foi a discussão entre o líder do PMDB, senador Jader Barbalho (PA), e Antônio Carlos Magalhães. Jader ficou irritado com as críticas feitas por ACM por ter esmurrado a mesa, minutos antes, quando o vice-presidente do Senado, Geraldo Mello (PSDB-RN), alegou que o regimento interno só permitia que Simon falasse por cinco minutos. "Bati na mesa, mas não tentei bater no rosto de nenhum companheiro", afirmou Jader numa referência ao soco que ACM deu ao senador Ney Suassuna (PMDB-PB).

Tanto Simon como ACM citaram em seus discursos várias vezes o nome do ex-presidente e atual senador José Sarney (PMDB-AP), que assistiu a todo o debate impassível. "Estou velho e sei que parlamento não é lugar para falar. É para ouvir. Depois todos se confraternizam", comentou Sarney.



Brasília — Arnildo Schulz

"Simon quase que diariamente desmoraliza este Senado com cenas pitorescas do seu procedimento"

Antônio Carlos Magalhães



Brasília — Arnildo Schulz

"Eu vi o Fernando Henrique falando em baioneta e vi Vossa Excelência ao lado dele. Eu me assustei."

Pedro Simon

Uma troca de papéis

Bate-boca entre políticos provoca riso de Jô Soares

BRASÍLIA — Enquanto a briga corria solta no plenário, o humorista Jô Soares a tudo assistia, às gargalhadas, pela TV Senado. De seu apartamento, em São Paulo, Jô acompanhou o bate-boca provocado pela entrevista do senador Pedro Simon (PMDB-RS) em seu programa de terça-feira. "Fico orgulhoso de ver o programa ser citado tantas vezes na tribuna do Senado. É sempre uma honra", comentou.

Na terça-feira, em dois blocos do *Jô Soares onze e meia*, o senador gaúcho criticou o presidente Fernando Henrique Cardoso por ouvir muito o PFL em detrimento de outros partidos — sobretudo o PSDB. Simon mostrou a mão com os cinco dedos

esticados — como fazia Fernando Henrique durante a campanha —, e disse que cada um representa um pefelista: o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), o novo líder do governo, deputado Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), o presidente do PFL, Jorge Bornhausen, o vice-presidente da República, Marco Maciel, e o líder do PFL na Câmara, Inocêncio Oliveira (PE). Segundo o senador, "quem faz a cabeça de Fernando Henrique é o PFL" e o Senado, hoje, "aprova tudo o que o presidente quiser".

Simon acusou Fernando Henrique de ter se rendido às pressões do PFL ao não aceitar a idéia de um plebiscito ou referendo sobre a reeleição. E terminou pedindo uma CPI para apurar as denúncias de compra de votos para a reeleição. (J. F.)

Divergências são antigas

JORGEMAR FELIX

BRASÍLIA — O ex-presidente e embaixador do Brasil na OEA, Itamar Franco, ligou para o celular do senador Pedro Simon (PMDB-RS) logo depois da discussão no plenário do Senado para saber se ele precisava entrar na briga com o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA). Itamar perguntou se ACM o agrediu ao repelir as declarações de Simon.

Líder do governo Itamar no Senado, Simon colocou panos quentes e disse que não foi ofendido por ACM. "Não, não precisa falar, deixa assim", disse Simon ao telefone, na porta do plenário.

Itamar é o motivo de todas as brigas de Simon e ACM. Essa é a terceira vez que os senadores se agridem verbalmente. As divergências começaram na época da ditadura, passaram pelo governo Collor e chegaram ao ápice na gestão Itamar, quando ACM pela primeira vez estava na oposição. Simon participou da emboscada

que Itamar preparou para Antônio Carlos Magalhães, quando o então governador da Bahia disse ter denúncias de corrupção contra o então ministro da Ação Social, Jutahy Magalhães. Quando ACM chegou ao palácio para entregar seu suposto dossiê deparou-se com a imprensa na sala do presidente.

O primeiro embate dos senadores no Senado também foi por causa de Itamar. Quando o ex-presidente foi sabatinado na Comissão de Relações Exteriores para assumir a embaixada em Portugal, ACM, que presidia a comissão, disse que votaria a favor apesar do "fraco depoimento de Itamar". Simon tomou as dores e os dois bateram-boca na sessão.

Depois, Simon cobrou de ACM, que presidia a comissão de investigação do caso Sivam, a divulgação das fitas com conversas que comprometiam o então chefe do cerimonial do Planalto, Julio Cesar Gomes Santos. Antônio Carlos chamou Simon de maluco e ameaçou agredi-lo fisicamente.

ACM

"O que se queria era, através do presidente Sarney, dar ao presidente do atraso (Itamar Franco) um lugar, já que não lhe deram a pensão que pedira."

"Vossa Excelência também mentiu quando disse que o presidente Fernando Henrique ia usar baionetas. O que o presidente quis dizer é que as baionetas não devem ser usadas."

"Não é o ex-presidente do meu partido (Jorge Bornhausen) que não fica no seu posto (embaixada do Brasil em Portugal). Quem não ficava no posto era o seu chefe, o ex-senador, o ex-presidente, o sempre embaixador Itamar Franco."

"Meu filho é um homem público de qualidades excepcionais. O deputado Luís Eduardo Magalhães não pode ser tratado como Vossa Excelência o tratou."

"Não houve uma providência sequer do governo corrupto do presidente Itamar Franco."

"Não é hábito do senhor Itamar Franco falar a verdade, principalmente quando diz que é o autor do Plano Real."

PEDRO SIMON

"Peguem a minha vida simples, mas honesta, e verão quantas e quantas vezes o Pedro Simon gritou em defesa do Congresso."

"Estou aqui, claro, a lutar pelo meu estado. Mas luto diferente. Apresentei um projeto de lei para que não privatizem o Banco Meridional. Mas não tenho condições de chegar ao Banco Central — até porque não tenho dossiê algum contra quem quer que seja."

"O senhor Antônio Carlos Magalhães e o ilustre ex-presidente da Câmara dos Deputados (Luís Eduardo Magalhães) defendiam o governo anterior (Fernando Collor) e não me parece que o governo Fernando Henrique deveria ser a continuidade do governo anterior."

"Itamar chamou Vossa Excelência, que disse que ia levar o dossiê da corrupção da Bahia. Estava toda a imprensa esperando e Vossa Excelência esperando e Vossa Excelência esperando e a imprensa saísse. E aí ele disse: 'Vamos começar? E Vossa Excelência perguntou: Com a imprensa aí?'"